

XVIII Congresso Brasileiro de Sociologia

26 a 29 de Julho de 2017, Brasília (DF)

GT 34 – Teoria Sociológica

Título: A Ausência do Suicídio Enquanto Objeto de Estudo na Sociologia Brasileira

Autor: José Benevides Queiroz/Universidade Federal do Maranhão

## RESUMO:

O estudo de Émile Durkheim sobre o suicídio foi, dentre outros motivos, uma estratégia visando fazer reconhecer a sociologia enquanto ciência, já que esse fenômeno era visto até então como exclusivamente individual e, por isso, objeto da psicologia. O impacto do livro *O Suicídio* fez dele um clássico que, até hoje, é uma obra importante na formação de sociólogos. Este estudo sociológico, com retificações posteriores, teve continuidade tanto na França, por meio de Maurice Halbwachs, na década de 1930, e recentemente com Roger Establet e Christian Baudelot, como noutros países. No Brasil, embora Durkheim tenha começado a ser traduzido e estudado desde o início do século XX, o suicídio foi relegado por nossa sociologia. Em contrapartida, apesar de seu impacto no país nos últimos vinte anos, ele é reiteradamente pesquisado por psicólogos, psicanalistas, profissionais de enfermagem, médicos, assistentes sociais, historiadores, geógrafos e jornalistas. Sobre este fenômeno, não há pesquisas ou obras sociológicas que dele tratam; em nossas principais revistas da área, por exemplo, *A Tempo Social* e a *RBCS*, não há um único artigo que trate do suicídio na sociedade brasileira. Algo diverso dos países vizinhos, como Uruguai e Argentina. Em face disso, como parte de pesquisa em andamento, o presente trabalho visa levantar algumas hipóteses que, de algum modo, contribua para esclarecer por que desse tratamento dispensado entre nós a um tema sociológico clássico como o fenômeno do suicídio.

## 1. INTRODUÇÃO

Enquanto problema social da modernidade, a preocupação com o suicídio não é recente, ela está presente desde os primórdios dessa sociedade. Segundo Chesnais (1976), por exemplo, a partir de 1826 o governo francês passa a fazer periodicamente o levantamento e a sistematização de dados sobre a ocorrência de mortes violentas no país, onde se destacam os números de autoextermínio<sup>1</sup>. Por sua vez, Durkheim em seu clássico **O Suicídio** recorreu a estudos que datavam do início daquele século, como o de Guerry (*Statistique Morale de France*, de 1835) e o de Tissot (*De La Manie du Suicide et de L'esprit de Révolte, de Leurs Causes et de Leurs Remèdes*, 1841) (DURKHEIM, 2002, p. 17). Como o autor bem mostra, excetuando a Rússia, ainda com boa parte de seu território sob domínio feudal, o suicídio era uma dura realidade da modernidade europeia, apresentando quase todos os países taxas significativas e constantes (Ibidem, pp. 13-14).

---

<sup>1</sup> Na publicação que Marx faz dos relatos de Jacques Peuchet, intelectual e político que ocupou inúmeros postos na burocracia do Estado francês, este último elabora uma tabela onde consta que, de 1817 a 1824, ocorreram 2808 suicídios em Paris. MARX, K. **Sobre o Suicídio**, São Paulo: Boitempo, 2008, p. 51.

Este fenômeno, no entanto, não ficou recluso no passado. À medida que a modernidade aprofundou as transformações sociais, que pouco a pouco se expandiu e alcançou novas regiões e povos, o suicídio passou a ser um problema em quase todos os países. No presente, pelo último relatório da Organização Mundial da Saúde (OMS), de 2014, a taxa mundial de suicídio atingiu o índice de 11,4 suicídios por 100 mil habitantes. Segundo o mesmo informe, mais de 800 mil pessoas se suicidam todos os anos e deverá alcançar, em 2020, 1,6 milhão de mortes (WHO, 2014)

No Brasil, esse recrudescimento também se faz presente. Apesar de ainda apresentarmos baixas taxas de suicídio, quando nos comparamos com outros países, já ocupamos o oitavo lugar no número de óbitos derivados de tal ato. Segundo a OMS, em 2012, 12 mil brasileiros tiraram suas próprias vidas (WHO, 2014); este número implicou num aumento de 10,5% quando comparado ao ano de 2000. Outros dados também são impactantes: no mesmo período a ocorrência de suicídios cresceu 77,7% na Região Norte do país e apresentou uma tendência de aumento de casos entre a população mais jovem (Ibidem).

Este quadro preocupante deveria apresentar-se como um campo de pesquisa importante às Ciências Sociais brasileiras, em particular à sociologia. Contudo, não foi isso que nossa pesquisa até agora constatou: afora alguns estudos na área da História, que basicamente se dedicam à discussão do suicídio no Brasil oitocentista, e uns pontuais estudos antropológicos centralizados principalmente em torno da população indígena, há uma escassez de trabalhos sociológicos sobre o fenômeno. Nos últimos dez anos, período que cobre o novo relatório da OMS, dos três livros publicados sobre o tema que identificamos, que se localizam na ou próximos às ciências sociais, nenhum é da área da Sociologia: um é do Jornalismo (DAPIVIE, 2007), outro da Geografia (BANDO e BARROZO, 2010) e, por último, da História (FERREIRA, 2015). Em contrapartida, principalmente nos seus periódicos especializados, abundam trabalhos sobre o suicídio na área da saúde, inclusive de psicólogos e psicanalistas que aí se inserem; destaque-se aí a publicação de uma dissertação de mestrado em Saúde Pública (MARQUETTI, 2011).

Como explicar este desinteresse e, por conseguinte, a ausência de estudos sociológicos no Brasil sobre o referido fenômeno? Antes de

respondermos esta questão, tentaremos passar em revista como o suicídio converteu-se num objeto da sociologia, particularmente na França, e qual é sua realidade entre nós e como em geral ele é abordado.

## 2. O SUICÍDIO COMO OBJETO DE DA SOCIOLOGIA

Como mostrado um pouco acima, na modernidade, à medida que emergiu com vigor no dia a dia das pessoas, o suicídio passou a preocupar e a exigir explicações de diversos setores da vida social. À época em formação, as Ciências Sociais não ficaram alheias a esse fenômeno.

Dentre os pensadores clássicos, o texto de Karl Marx, **Peuchet: Vom Selbstmord**, publicado no Brasil sob o título **Sobre o Suicídio** (2010), interessa por motivos diferentes de sua obra. Esta, ao longo de sua vida, foi marcada pela busca de uma fundamentação científica rigorosa, tanto no que se refere ao aspecto metodológico, quanto à pesquisa empírica. Apesar de prescindir desses aspectos, o relato de Peuchet que Marx apresenta é importante, pelo menos, por dois motivos. Primeiro, ele consegue transmitir a dimensão sinistra, pois de grandes proporções, que o fenômeno do suicídio representava para a sociedade francesa, em particular parisiense, em fins do século XVIII e início do seguinte. Segundo, o de relacionar o suicídio com questões sociais concretas: é-nos mostrado que face à moral vigente, às convenções e normas estabelecidas, às crenças religiosas, às crises financeiras, etc., o ato de se matar, para muitas pessoas, de diversas classes, era a única saída e solução possível. Ou seja, já em 1846, Marx mostrava que o suicídio também podia ser relacionado com problemas de ordem social.

Por essa mesma perspectiva, cinco décadas depois, Durkheim desenvolveu seu estudo que redundou na publicação de **O Suicídio**, em 1897. Diferente de Marx, o francês não tomou emprestado de terceiros, mas construiu seu próprio objeto de estudo, algo que envolveu diversos aspectos. Por um lado, além do problema social, com o estudo do suicídio buscou enfrentar a exclusividade que os estudos de psicologia detinham sobre o tema. Por outro, como corolário, teve como objetivo estabelecer o campo de estudo da sociologia.

Para à época, a meticulosa operação metodológica que envolveu a construção do objeto era de uma originalidade sem par. Primeiramente, como

bem mostra Lemieux<sup>2</sup>, Durkheim enfrentou a crença disseminada de que o suicídio era um ato puramente individual, afetando tão somente o indivíduo, de natureza privada, exclusivamente psicológica, e que, por isso, imprevisível e inexplicável. No entanto, ao contrário de uma esperada variação aleatória da taxa de suicídio nacional de um ano para outro, Durkheim demonstrou que ela apresentava uma grande estabilidade. A partir dessa constatação, e fundamentado sobre dados, ele pôde desvincular a causalidade daquele fenômeno da esfera individual (DURKHEIM, 2002, pp. 8/9).

Ainda na introdução, adotando outro ângulo de abordagem, Durkheim reforçou a possibilidade de estudar o suicídio do ponto de vista social. O recurso do qual se utilizou foi o seguinte: comparando países muito semelhantes, em plena modernidade, ele demonstrou como suas taxas anuais de mortalidade eram muito próximas. Diversamente, também mostrou que o mesmo não acontecia em relação às taxas de suicídio. Neste caso, os fatores sociais, como a cultura, a religião, os costumes e os valores locais, etc., explicavam as diferenças entre os países (Ibidem, pp. 13/14).

A partir daí, fundamentado numa justificativa metodológica sólida, o autor desenvolveu a sua obra. Primeiramente, para legitimar a explicação sociológica que propunha, ele buscou desconstruir passo a passo todas as que estavam até então estabelecidas acerca do suicídio. Com esta finalidade, mostrou a improcedência dos estudos que imputavam as causas de tal fato aos aspectos puramente psicológicos, à raça, à hereditariedade e, até mesmo, aos fatores cósmicos. Por fim, encerrando o primeiro livro, ele desenvolveu um longo capítulo dirigido principalmente contra seu concorrente direto na busca de legitimação do conhecimento sociológico, no caso Gabriel Tarde, que explicava o suicídio a partir do ato individual da imitação; uma de suas refutações era de que a causa das taxas de suicídio não decorria da imitação em si, pois que esta era gestada e produzida pela própria dinâmica da vida social (Ibidem, p. 117)

Para analisar a diversidade das incidências do suicídio - tais como: quem mais se mata são os homens em relação às mulheres, os solteiros e

---

<sup>2</sup> CYRIL, L. *Problematizar* in PAUGAM, S. (Coord.) **A Pesquisa Sociológica**, Petrópolis: Vozes, 2015, pp. 35/36.

divorciados em relação aos casados, os protestantes frente aos católicos – tipificadas a partir de minuciosas leituras dos relatórios produzidos por órgãos governamentais, Durkheim formulou conceitos específicos que conseguissem ser precisos nas respectivas explicações de cada tendência. Assim, por exemplo, o conceito de suicídio anônimo seria capaz de esclarecer a razão dos industriais<sup>3</sup> matar-se mais que os operários.

O resultado do estudo teve um impacto imediato sobre a sociedade francesa. O socialista Charles Péguy, por exemplo, fez uma severa crítica ao livro, principalmente à proposta econômica reformista que visava pôr fim ao suicídio egoísta (LUKES, 1984, p. 316). Por seu turno, apesar de ser um crítico de Durkheim, o anarquista Georges Sorel saudou a publicação de **O Suicídio**, pois ajudava a discutir um assunto moral de difícil abordagem (SOREL, p. 124). Por fim, não poderíamos deixar de citar, Gabriel Tarde escreveu um longo artigo onde tentou refutar, às vezes de forma agressiva, as explicações sociológicas de Durkheim sobre o suicídio e defender sua teoria psicológica da imitação<sup>4</sup>.

Desde sua publicação até hoje, passando em revista ao longo desse tempo os diversos estudos sobre o suicídio, o livro de Durkheim permanece como referencial.

Um dos primeiros a revisitar **O Suicídio**, a fim de verificar a pertinência da obra, foi um dos diletos discípulos de Durkheim e colaborador do **L'Année Sociologique**, Maurice Halbwachs. Mais de três décadas depois, em 1930, este último publica **As Causas do Suicídio**. À luz de novos dados e tendo acesso a recursos metodológicos mais refinados e precisos, ele submeteu o trabalho do mestre a uma verificação rigorosa. A princípio, como ressalta Marcel Mauss no seu breve prefácio, e colocando de alguma forma como participe da elaboração desse novo estudo, o objetivo

Era proceder simplesmente a uma atualização do trabalho de Durkheim; indicando, num capítulo suplementar ou numa

---

<sup>33</sup> Segundo Durkheim, estes se suicidavam com maior frequência porque, em virtude do estado de desregramento social ou anomia, suas paixões eram “menos disciplinadas no momento mesmo em que elas teriam precisão de uma disciplina mais forte”. DURKHEIM, E. **Le Suicide**, 11<sup>e</sup> édition, PUF/Quadrige: Paris, 2002, p. 281.

<sup>4</sup> TARDE, G. *Contre Durkheim à propos de son Suicide* in BORLANDI, M. CHERKAOUI, M. (Dir.) **Le Suicide (um siècle après Durkheim)**, PUF: Paris, 2000, pp. 222-255.

Introdução, em alguns pontos, dados novos publicados após um terço de século, confirmando ou não suas conclusões. Halbwachs sentiu-se pouco a pouco forçado a empreender novas pesquisas, de colocar novos problemas, de apresentar os fatos sob um outro aspecto (MAUSS, 2002, p.1).

O que faz Mauss afirmar sobre a necessidade da elaboração de um novo livro. Isto porque, seguindo o ensinamento de Durkheim que a observação histórica é fundamental para a sociologia, era “necessário levar em conta fatos novos e consideráveis que ocorreram depois de 1896” (Ibidem). A atualização dos dados até a década de 1920 permitiu Halbwachs checar e questionar algumas conclusões presentes em **O Suicídio**, formular novas e propor outras abordagens.

Três conclusões aspectos evidenciam isso. Primeiro, ao contrário do que Durkheim ressaltará, Halbwachs mostra que havia uma tendência, não de permanecerem diferentes, mas de se tornarem semelhantes as taxas de suicídios dos diversos países europeus (HALBWACHS, 2002, pp. 67-85). Segundo, ele discorda da relação entre religião e suicídio estabelecida por Durkheim; segundo Halbwachs, nem sempre os protestantes matavam-se mais que os católicos, como era o caso no campo onde os últimos apresentavam o dobro da taxa de suicídio dos primeiros (Ibidem, pp. 181-220). Por fim, ao contrário de Durkheim, que defendia que tanto a ruína quanto o *boom* econômicos faziam crescer o suicídio, Halbwachs, a partir de um rigoroso levantamento de dados, afirma que, “porque os suicídios aumentam em período de depressão econômica, poderíamos supor que as ruínas e os reveses comerciais de toda a natureza são o fator principal do suicídio” (Ibidem, pp. 303-304). Além desses aspectos, dentre outros, em *As Causas do Suicídio* o autor avança no sentido de que o estudo sociológico sobre o suicídio não poderia prescindir da dimensão psicológica, pois que, em última instância o ato de por fim a própria vida tem um componente individual.

O pós-1945 é o momento em que ocorre um arrefecimento na sociologia francesa e, conseqüentemente, nos estudos sobre suicídio. Muito contribuiu para isso a morte prematura de Durkheim, fazendo seus estudos e a própria sociologia perderem espaço no mundo acadêmico-científico (CUIN e GRESLER, 1994, pp 165-174); também muito ajudou para o estabelecimento deste cenário uma diferenciação nas posturas entre os membros

remanescentes do **L'Année Sociologique**: de um lado, Mauss, Halbwachs e Simiand buscando continuar o legado de Durkheim, mas aprofundando, revendo ou abandonando suas contribuições e, de outro, Bouglé, Georges Davy e Fauconnett limitando-se à divulgação da obra do mestre e ocupando cargos administrativos (STEINER, 2005, pp 104-105).

Isto muda em fins da década de 1950 e durante a seguinte, quando se verifica uma efervescente e vigorosa retomada da sociologia; esta ganha força junto à comunidade científica com a publicação de muitas pesquisas empíricas. É neste contexto que surgem os trabalhos de Bourdieu, Boudon, Crozier, Passeron e Touraine, dentre outros. Curiosamente, uma das obras de referência neste momento será **O Suicídio**. Como destaca Establet, no livro **A Análise Empírica da Causalidade**, Boudon e Lazarsfeld

Apresentam ao público francês os métodos atuais da sociologia americana. Nesse livro, que se tornaria obra de referência no ensino superior, *O Suicídio* ocupa um lugar de destaque. Dois textos de *O Suicídio* são citados *in extenso*, primeiro para ilustrar “as aplicações da análise multivariada”, o segundo para introduzir “a análise contextual” (ESTABLET, 2009, p. 120).

Esta retomada repercutirá no retorno gradativo dos estudos sociológicos franceses sobre o suicídio. O texto de Duchac (1964), que desenvolve um estudo sobre o suicídio no Japão, bem expressa este novo momento. O próprio Establet, juntamente com Baudelot, quando de cursos introdutórios de sociologia, viu-se pressionado pelos alunos que desejavam saber o que **O Suicídio** poderia esclarecer sobre a realidade francesa da época (ESTABLET, p.121).

O resultado de tal pressão, levando os autores a procurarem atualizar as séries de dados apresentados por Durkheim, bem como verificar a hodiernidade de suas hipóteses e conclusões, redundou no livro **Durkheim e o Suicídio**, que teve sua primeira edição em 1984; posteriormente, a obra foi reeditada cinco vezes, com as devidas correções e atualizações<sup>5</sup>. Para realizar tal projeto, os autores rediscutem a natureza do suicídio enquanto *fato social* a

---

<sup>5</sup> Na primeira edição os dados apresentados sobre o suicídio na França iam de 1826 até 1983. Na quinta e última edição, em 1999, os autores estenderam os números até 1994. BAUDELLOT, C. ESTABLET, R. **Durkheim et le Suicide**, 5 édition, Paris: PUF, 1994, p. 18.



partir das três principais tabelas de **O Suicídio** (a que trata da frequência do suicídio na França, a que compara as taxas de suicídios por milhões de habitantes de cada grupo de idade e do estado civil em Paris e no campo e a que relaciona o divórcio com a taxa de suicídio), o que lhes permitem explicar como Durkheim utilizou o recurso da estatística, formulou conceitos e estabeleceu coeficientes e taxas de suicídio, bem como relacionou o fenômeno com diversas variáveis (horário, dias na semana, local de residência, estado civil, etc.) (ESTABLET; BAUDELLOT, 1999, pp. 15-45). Com este referencial delineado, Establet e Baudelot discutem criticamente o uso da estatística, instrumento utilizado tanto por Durkheim, como por outros estudiosos do suicídio – por exemplo, Halbwachs -, ressaltando seus alcances e limites (Ibidem, p. 46-75). Os autores desenvolvem também toda uma reflexão confrontando a realidade do suicídio explicada pela sociologia com a forma que ele aparece na imprensa, na literatura e na história (Ibidem, pp. 76-88). Assim, por exemplo, além de transcreverem notícias de jornais relatando casos de suicídios, analisam a pertinência de como eles se encontram em determinadas obras literárias: enquanto há uma romantização no suicídio de Werther, de Goethe, Flaubert descreve com extremo realismo o de Emma Bovary<sup>6</sup>. Por fim, depois de ter abordado sociologicamente o suicídio por esses três ângulos, Establet e Baudelot discutem o fenômeno na França contemporânea, destacando o que se mantém e que foi superado de **O Suicídio**: por um lado, ao contrário do que concluiu Durkheim, hoje em dia as pessoas tiram mais suas vidas no campo do que nos centros urbanos e as aquelas das camadas mais pobres se matam mais do que as pessoas mais abastadas; por outro, confirmando as análises de Durkheim, os homens continuam se matando mais que as mulheres e, em relação aos celibatários, o casamento protege as pessoas do suicídio<sup>7</sup> (Ibidem, pp. 89-108).

Assim, esse pequeno estudo, porém meticuloso e instigante, permitiu Establet e Baudelot demonstrarem que a ousadia de Durkheim em estudar sociologicamente o suicídio não fora descabida. Antes pelo contrário, pois,

---

<sup>6</sup> Para os autores, “a maioria dos grandes suicídios literários partilha com aquele de Emma Bovary seu alto grau de improbabilidade”. Ibidem, p. 83.

<sup>7</sup> A pesquisa de Philippe Besnard reafirmou também que, de fato, procede a teoria durkheimiana sobre o poder de a regulação conjugal atenuar as mortes por suicídio. BESNARD, P. *Mariage et suicide: la théorie durkheimienne de la régulation conjugale à l'épreuve d'un siècle* in **Revue Française de Sociologie**, vol. XXXVIII, n. 4, 1997.

segundo eles, “uma conclusão se impõe: a obra resiste” (Ibidem, 109). Não só. Como várias explicações de Durkheim ainda se mantêm, esses autores vaticinam que ele é “um dos raros sociólogos a ter feito uma descoberta” (Ibidem). **Durkheim e o Suicídio** foi o ponto de partida para novos estudos desses autores. Mais recentemente, em 2006, eles publicaram o livro **Suicídio, o Inverso de Nosso Mundo**. Neste, além de aprofundarem a pesquisa e a análise sociológica do suicídio, eles fazem um estudo pormenorizado relacionando o fenômeno com as transformações – principalmente a econômica – de diversos países: vão desde os trinta anos gloriosos do Estado do Bem-Estar Social, passando pela ascensão econômica da Índia e da China até à debacle soviética. Na abrangência desse trabalho, eles aproveitam para testar novamente algumas variáveis, como sexo, idade, classe social, riqueza, etc., em relação ao suicídio.

Contudo, não são somente esses autores que trabalham atualmente com o tema do suicídio na França. Ele é objeto de estudo de diversos outros sociólogos dentre os quais podemos citar: Louis Chauvel, Anne-Sophie Cousteaux, Jean-Louis Pan Ké Shon, etc. Mas não só. Um bom indicativo de que o tema naquele país permanece atual foi o curso que o professor Baptiste Coulmont ministrou no ano escolar 2015/2016, na Universidade Paris 8, Vincennes-Saint-Denis, que versou sobre a Sociologia do Suicídio.

### 3. O estudo do suicídio no Brasil.

No Brasil, nos primórdios de nossa sociologia acadêmica, pareceu que o suicídio poderia vir a ser um objeto de estudo sempre presente em sua pauta de preocupações. Contudo, passado mais de oitenta anos de nosso primeiro curso de sociologia – na Universidade de São Paulo -, os estudos sobre o fenômeno inexistem; algo muito distinto do que ocorre, por exemplo, no Uruguai<sup>8</sup> e na Argentina.

#### 3.1. O suicídio do negro.

O suicídio da população afrodescendente brasileira tem sido estudado com frequência pela História, particularmente o dos escravos do século XIX.

---

<sup>8</sup> ROBERTT, P. *El suicidio en Uruguay*, **Nueva Época**, Año 4, nº 6, 1999.

Contudo, o precursor parece ser Roger Bastide, que publicou, em 1952, *Le suicide du nègre brésilien*. Apesar de aparecer nos **Cahiers Internationaux de Sociologie**, o artigo pode ser creditado à sociologia brasileira por dois motivos: primeiro, porque ele foi publicado quando o seu autor era professor da Cátedra de Sociologia na Universidade de São Paulo (USP) e, segundo, ocorreu no momento em que trabalhava com Florestan Fernandes no Projeto da UNESCO<sup>9</sup>, que pesquisou sobre as relações raciais no Brasil<sup>10</sup>.

O texto se inicia com Bastide propondo superar um problema recorrente na sociologia francesa ao tratar do suicídio, apesar de ter sido muito discutido por ela entre a Primeira e a Segunda Guerra Mundial. Segundo ele, em geral, o fenômeno era estudado a partir de uma perspectiva dualista, onde se priorizava ou o indivíduo ou a sociedade; assim, opunham psicólogos ou psiquiatras, como Achille-Delma, aos sociólogos, como Durkheim e até mesmo Halbwachs, que já tinha proposto superar tal dicotomia. Diversamente, Bastide defende a “ideia da reciprocidade dos diferentes pontos de vista e daquela interpenetração entre o individual e o social” (BASTIDE, 1952, p. 79); ele ressalta que este seu ponto de vista era muito semelhante daquele da socióloga Ruth Cavan, da Universidade de Chicago, no seu livro **Suicide**, de 1928, quando ela fez “da tendência suicida uma tendência individual, mas de natureza social, ou quando mostra a convivência do contexto com as atitudes dos particulares” (Ibidem). É a partir deste referencial que ele diz que estudará “o suicídio do negro brasileiro, em particular o de São Paulo, onde dispomos de estatísticas mais ricas e relativamente mais seguras” (Ibidem, pp. 79-80). Mais especificamente, o caso do negro brasileiro desafiava a seguinte averiguação: em que medida, no correr de um século, ele ter passado do regime tribal para o servil e deste para o regime salarial, e já neste último ter - sob a república - migrado para um grande centro urbano e industrial se manifestou nas estatísticas do suicídio?

---

<sup>9</sup> Sobre este projeto ver CHOR, Marcos C. *O projeto UNESCO e a agenda das Ciências Sociais no Brasil dos anos 40 e 50* in **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 14, nº 41, 1999.

<sup>10</sup> Embora Bastide não trate do suicídio ao escrever os capítulos *Manifestações do preconceito de cor e Efeitos do preconceito de cor*, que se encontram no livro **Branços e Negros em São Paulo**, o qual tem outros capítulos escritos por Florestan Fernandes e que resultava da pesquisa do Projeto UNESCO, muitas das análises sobre a condição do negro na cidade de São Paulo estão presentes e servem de fundamentação para o artigo publicado nos **Cahiers Internationaux de Sociologie**.

Correspondendo a momentos distintos, vários são os cenários traçados por Bastide para responder a este questionamento. Coerentemente, todas as explicações fundamentam-se na reciprocidade entre o individual e o coletivo.

Na época da escravidão, por exemplo, ele explica que é possível identificar esta dupla dimensão. Segundo Bastide, apesar de conhecer tanto o *suicídio altruísta* como o *suicídio egoísta*, como categorizado por Durkheim, o suicídio era algo raro na África. No entanto, no Brasil, as estatísticas do tempo da escravidão e os arquivos de polícia “mostram que o suicídio do negro era algo corrente e em numero sempre infinitamente superior ao suicídio do branco” (Ibidem, p. 81). Ao contrário da explicação psicopatológica de Dalmas, que baseava seus argumentos na migração espontânea, Bastide defende que, diversamente, “a migração forçada do escravo não pode justificar a tese individualista”, pois, “nestas condições, é evidente que a diferença entre aqueles que permaneceram na África e aqueles vieram para o Brasil não podia obedecer a uma diferença de constituição” (Ibidem). Por outro lado, quando confrontado com ao negro dos Estados Unidos, onde a crueldade da escravidão era muito maior, paradoxalmente por aqui o número de suicídios era muito maior. Neste caso,

O suicídio está ligado ao ressentimento, e quando o ressentimento não pode tomar a forma de luta contra o branco, em razão de seu paternalismo afetivo, ele se volta contra si mesmo. Também o jogo das tendências individuais traduz uma situação social: de um lado, o psíquico está todo penetrado pelo coletivo, mas, de outro, o social não age a não ser por meio da psicologia do ressentimento. As representações coletivas que marcam este primeiro tipo de suicídio são duplas: de um lado, africanas, de outro, brasileiras (Ibidem, p. 82).

Ou seja, ao mesmo tempo, teríamos neste suicídio tanto as dimensões sociais como as individuais. As coisas mostravam-se ainda mais complexas, segundo autor, quando se constatava que, com a existência da alforria, “os suicídios dos negros escravos sempre ultrapassaram largamente aqueles dos negros livres” (Ibidem, p. 83). Aqui, a explicação psicológica furava novamente, uma vez que a alforria era concedida aleatoriamente e não a partir do perfil psíquico de cada indivíduo. Na verdade, em geral por serem bastardos, ou por se beneficiarem

de testamentos, os negros libertos já estavam socializados pela sociedade local.

Contudo, o momento seguinte, o do fim da escravidão, ocasionou o recrudescimento do suicídio dos negros. Este parente paradoxo é esclarecido por Bastide: por um lado, ao acorrerem para as cidades, os ex-escravos não tinham qualificação e a indústria nascente não conseguiu absorvê-lo plenamente; por outro, além de concorrerem na busca de emprego, os imigrantes europeus solaparam as ocupações artesanais ocupadas pelos primeiros negros livres. A conformação desta realidade veio acompanhada pelo aumento da mendicância, da vadiagem e da elevação da taxa de suicídio do negro em relação ao branco. Neste contexto, segundo o autor, o caso do mulato<sup>11</sup> bem expressava a interpenetração entre o psíquico e o social. Isto porque

Tanto o mulato supera no suicídio, como também, na mesma época, no percentual das doenças mentais dentre as pessoas de cor. Assim, parece que a ruptura de um sistema social, que sem dúvida fazia sofrer o negro, mas que lhe assegurava por outro lado certa segurança, age somente por meio de pulsões individuais, uma vez que é este “homem marginal” – isto é, o homem que, em razão de ser mais claro, esperava subir o mais alto possível, mas que era rejeitado pelo próprio grupo dos negros do qual desejava escapar – que representa a maior proporção de mortos voluntários (Ibidem, p. 84).

Neste caso, o autor avalia que consegue, ao mesmo tempo, analisar o suicídio a partir das perspectivas individual e social.

A consolidação urbana e industrial da cidade de São Paulo vai gradativamente mudando o perfil das pessoas que se suicidavam. Para demonstrar isso, Bastide elabora a seguinte tabela:

**Taxa de suicídio em relação a 10.000 habitantes de cada categoria de cor**

COR \ ANO	<i>Brancos</i>	<i>Mulatos</i>	<i>Negros</i>
1880	0,63	0,90	2,41
1885	0,27	0,93	1,56
1895	0,46	1,38	1,35
1935	1,30	0,60	0,30
1940	1,00	0,66	0,33

<sup>11</sup> A palavra *mulato* tem uma conotação pejorativa, racista mesmo, à medida que retrata a pessoa descendente da miscigenação do negro com o branco como um ser estéril, como no caso da mula. Contudo, mantivemos a palavra porque assim se encontra no texto em francês escrito por Roger Bastide.

Excluindo os casos de tentativas, segundo o autor porque era muito mais fácil identificar mais os das “pessoas de cor” e mais difícil registrar os das pessoas brancas, a tabela mostra uma progressiva inversão: pouco a pouco vai decrescendo o número de suicídios entre os negros e os mulatos e aumentando os da população branca; os mulatos permanecendo à frente dos negros. Isto se explicaria porque o antigo meio social – patriarcal, católico e rural, que condenava o suicídio – que protegia o branco nativo de tirar a própria vida desapareceu; ou seja, o antigo freio que o social exercia sobre o psíquico erodiu. Já com o negro estava ocorrendo o seguinte: por um lado, o declínio da antiga mentalidade africana, baseada no animismo ancestral, que impelia ao suicídio e, por outro, o estabelecimento de um novo equilíbrio social fez o percentual de negros que praticavam tal ato corresponder ao seu percentual na população; ou seja, o psíquico passou a prevalecer sobre o fator social.

Chegado neste ponto, Bastide passa a fazer uma série de observações sobre o suicídio. Primeiro, discute os fatores externos do suicídio, como o modo de executá-lo: enquanto o negro tirava sua vida afogando-se, envenenando-se ou enforcando-se, o branco o fazia majoritariamente por meio de armas de fogo. Tanto num caso como no outro se conjugavam fatores culturais, sociais e econômicos. Segundo, passa a discutir os fatores internos: os motivos do ato suicida, estes registrados em cartas ou por relatos das famílias, etc. Bastide aproveita também para demonstrar que algumas variáveis utilizadas por Durkheim não tinham amparo no Brasil, particularmente em São Paulo. Assim, por exemplo:

Aqui, por exemplo, é o homem casado que se mata mais que o celibatário (de 1938 à 1941: 746 celibatários, 869 casados, 115 viúvos e 4 divorciados; a diferença é ainda mais acentuada se eliminamos destas cifras as tentativas: 210 celibatários, 289 casados); o brasileiro católico ou o imigrante italiano católico mata-se mais que os imigrantes alemães luteranos (12,8, 13 e 2,6 por 10.000 habitantes respectivamente) (Ibidem, pp. 87-88).

Segundo o autor, esta imprecisão nos argumentos de Durkheim decorria porque ele, assim com Delmas, encontrava-se preso a uma perspectiva teórica dualista.

Assim, munido da tese da reciprocidade entre o subjetivo e o objetivo, o individual e o coletivo, ele chega a seguinte conclusão:

Deste modo, superamos o dualismo primitivo. Queríamos ver em que medida a sociedade intervém na frequência das mortes voluntárias. Nos pareceu que o estudo de um grupo racial era particularmente indicado para esta finalidade, pois constituía uma espécie de sismógrafo que registra todos os abalos, mais ou menos violentos, e todas as desordem da estrutura social... A passagem de um certo *status* social a outro, do *status* tribal ao escravista, do *status* escravista ao do negro livre, corresponde aos aumento ou às diminuições do suicídio, que são muito mais evidentes para que possamos aceitar a tese do Dr. Delmas. Porém, uma vez a importância desse fator reconhecido, tínhamos, para compreender os fatos, que pouco a pouco reintroduzir o psíquico no social e analisar um certo número de “atitudes” mentais. Assim, o suicídio pode muito bem ser compreendido tanto de dentro como de fora, pela análise das estatísticas que denunciam as influências sociais e pela psicologia que analisa os casos individuais, mas sempre tratando-se do mesmo fenômeno estudado, porque o suicídio é, ao mesmo tempo, um comportamento individual e social (Ibidem, p. 90).

Com isso, Bastide presumia contribuir para um novo momento – principalmente na França – dos estudos sobre o suicídio. As velhas dicotomias não deveriam mais dominar as pesquisas e as explicações de um fenômeno tão moderno.

Anos mais tarde, em 1958, em **O Candomblé da Bahia**, Bastide retoma o tema do suicídio para explicar a configuração dos espaços onde se realizavam os cultos das religiões de origem africana. Em uma passagem ele chama atenção para o fato de que

Do mesmo modo, as almas dos mortos, embora “fixadas” também num santuário contíguo ao *candomblé*, deixam o Brasil depois do enterro para se juntarem à grande legião dos espíritos ancestrais. O suicídio de negros escravos não tinha, muitas vezes, senão esta causa. É a hipótese formulada por Tschudi para explicar um fato que não deixava de espantá-lo, o número muito maior de suicídio nas fazendas dos “senhores bons” do que nas dos senhores cruéis. O que para Tschudi não passava de hipótese, é confirmado por d’Assier, que nos traz, neste ponto, o testemunho oral dos próprios escravos: “para voltar o mais depressa possível à nossa terra” (BASTIDE, 1978, p. 65).

Isto era possível porque uma determinada árvore, fincada no terreiro, cujas raízes ligavam o novo mundo, para aonde o negro veio forçado, à África ancestral. As almas dos mortos encontravam ali o meio para retornar a sua terra sagrada.

Aqui, antes de concluir este item, uma importante observação se impõe. É interessante verificar que, apesar de muito conhecer e citar Durkheim, Bastide não aborda, tampouco discute, um quarto tipo de suicídio que se encontra indicado ao final do Capítulo V, do Livro II, de **O Suicídio**, que se refere ao *suicídio anômico*. Trata-se do *suicídio fatalista*: assim como o altruísta se opõe ao egoísta, este se oporia ao anômico; ou seja, neste caso o suicídio decorreria de um excesso de regulamentação social, de um ordenamento exacerbado. Ele incidiria mais sobre jovens casais e mulheres casadas sem filho. Por ser raro nas sociedades modernas, Durkheim defende que seria prescindível seu estudo. No entanto, não deixa de salientar que este tipo de suicídio poderia se revestir de interesse histórico. Segundo ele,

Não é a este tipo que se vinculam os suicídios dos escravos, que afirmam ser frequente em certas condições, e todos os suicídios que podem ser atribuídos às intemperanças do despotismo material ou moral? Para tornar claro este caráter inelutável e inflexível da regra sobre a qual nada se pode, e por oposição a esta expressão de anomia que empregamos, poderíamos designá-lo de *suicídio fatalista* (DURKHEIM, 2002, p. 311).

Esta parece ser uma boa sugestão para discutir o suicídio dos escravos que, no entanto, não foi explorado por Bastide. Talvez ele não tenha seguido este caminho por desconhecer tal argumento de Durkheim<sup>12</sup>, algo pouco provável, ou por considerá-lo fundamentado naquele dualismo que tanto combatia, algo mais verossímil de supor.

### 3.2. A atual posição da sociologia brasileira frente ao suicídio.

---

<sup>12</sup> Na verdade, segundo Philippe Steiner, este tipo de suicídio era desconhecido até fins da década de 1950. Quem retirou o conceito da “penumbra em que Durkheim havia deixado” foi Bruce Dohrenwend, em seu artigo *Egoism, altruism, anomie and fatalismo: a conceptual analysis de Durkheim's types*, publicado em 1959 na **American Sociological Review**. STEINER, P. **La Sociologie de Durkheim**, quatrième édition, Paris: La Découverte, 2005, p. 56 e p. 113.



Todavia, posteriormente, esta contribuição de Bastide sobre o estudo do suicídio não foi prosseguida por nossa sociologia. Ao que tudo indica, nas pesquisas até aqui que fizemos, todo aquele aprendizado foi relegado, não a segundo plano, mas ao esquecimento.

Este quadro é inusitado à medida que passamos revista, mesmo que sumariamente, a realidade atual desse fenômeno entre nós. Além dos dados que antecipamos acima, na Introdução, outros podem complementar e nos fornecer a real dimensão do problema social do suicídio no Brasil.

O artigo *Análise epidemiológica do suicídio no Brasil entre 1980 e 2006* (LAVOSI et al., 2009), que contempla um período de quase trinta anos e é anterior ao relatório de 2014 da OMS, é um bom instrumento nesse sentido, pois trabalha com muitas variáveis, como gênero, idade, estado civil, nível educacional, etc; aqui, priorizaremos somente alguns dados deste trabalho. Em números absolutos, segundo levantamento dos autores, entre 1980 e 2006 ocorreram 158.952 suicídios no Brasil (Ibidem, p. 88); ou seja, uma média de 6.113, 53 suicídios por ano. Estes números fizeram com que no período considerado a taxa de suicídio passasse de “4,4 para 5,7 mortes por 100 mil habitantes (29,5%)” (p. 88). Os mesmos autores traçam, em relação à incidência dos casos de suicídio, “as seguintes características sociodemográficas e clinicoepidemiológicas...: homens (77,3%), idade entre 20 e 29 (34,2%), sem companheiro/companheira (44,8%) e ter tido pouca educação formal (38,2%)” (Ibidem, p. 88).

Contudo, nesse mesmo trabalho, algo que chama a atenção são os dados relativos às regiões e capitais do país. Se na Região Sudeste os números mantiveram-se quase que intactos de 1980 a 2006, passando de 4,7 para 4,9 suicídios por 100 mil habitantes, na Região Norte os dados ratificam que já havia uma tendência que seria confirmada pelo relatório da OMS de 2014: a região passou de 2,7, em 1980, para 4,3 suicídios por 100 mil habitantes, em 2006 (LAVOSI et al., 2009, p. 89). Outro dado que salta aos olhos é a taxa de suicídio que a cidade de Fortaleza apresentou, em 2006, semelhante às capitais da Região Sul, que são as mais elevadas do Brasil: enquanto Salvador, São Luís e Recife apresentaram taxas abaixo de 4 suicídios, a capital alencarina apresentou 7,3 suicídios por cada 100 mil habitantes; no mesmo ano, nas cidades de Florianópolis e Porto Alegre os

números foram respectivamente de 7,0 e 7,5 suicídios por 100 mil habitantes (Ibidem, p. 89).

A partir de dados mais recentes, do relatório da OMS de 2014, Ferreira Junior faz uma atualização da situação do suicídio nas regiões brasileiras. Assim como Norte, entre 2002 e 2012 a Região Nordeste teve um crescimento de 51,7% em sua taxa de suicídio (FERREIRA JUNIOR, 2015, p. 23); bem diferente do ocorreu nas Regiões Centro-Oeste e Sul, que registraram módicos aumentos dos casos de suicídios, 16,3% e 15,2% respectivamente. Já a Região Sudeste “observou um crescimento de 35,7% de sua taxa de suicídio, tendo o Rio de Janeiro quase zerado sua taxa de crescimento e Minas Gerais que teve uma elevação de 58,3% nos óbitos por suicídio” (Ibidem).

Esta realidade, tal como a francesa que Durkheim explorou, deveria ser um rico campo de estudo para a sociologia brasileira. Todavia, no Brasil, conquanto a obra de Durkheim tenha começado a ser traduzida, estudada e debatida desde o início do século XX (QUEIROZ, 2014), aspecto que poderia ter-nos influenciado, o suicídio foi relegado por nossa sociologia a um plano secundário; o próprio estudo de Bastide foi deixado de lado. Em contrapartida, em razão de seu impacto no país nos últimos vinte anos, este fenômeno tem sido reiteradamente pesquisado por psicólogos, psicanalistas, profissionais de enfermagem, médicos, assistentes sociais, historiadores, geógrafos e jornalistas.

A ausência de estudos sociológicos brasileiros sobre o suicídio não é muito difícil constatarmos. Avaliamos que dois exemplos conseguem ser bem representativos dessa situação. No portal *Scielo*, que abriga os principais periódicos científicos brasileiros, inclusive os sociológicos, quando digitamos a palavra “suicídio” temos como resultado 239 artigos científicos. Destes, somente cinco podem ser considerados estudos próximos ou relacionados às Ciências Sociais; quatro deles adotam uma perspectiva sociológica<sup>13</sup>, mas foram publicados em periódicos da saúde e têm três de seus autores que são

---

<sup>13</sup> São os seguintes: *O Suicídio – reavaliando um clássico da leitura sociológica do século XIX*, de Everardo Duarte Nunes; *A autoviolência, objeto da sociologia e problema de saúde pública*, de Maria Cecília de Souza Minayo, que em parte comenta o artigo anterior citado; *Três fórmulas para compreender “O suicídio” de Durkheim*, de Ricardo Rodrigues Teixeira e *Suicídio e sociedade: um estudo comparativo de Durkheim e Marx*, Marta M. Assumpção Rodrigues. Todos os textos têm o complemento de suas referências na bibliografia abaixo.

especialistas nessa área<sup>14</sup>. Por outro lado, o quinto artigo, *O suicídio como forma de ação política e social no ceticismo de Montaigne e Hume*, de Cesar Kiraly, é o único publicado na área de Ciências Sociais, mais precisamente na Revista Brasileira de Ciências Sociais (RBCS). Aliás, e esse é o segundo exemplo, excetuando este último artigo, mas que efetivamente não estuda o fenômeno do suicídio no Brasil, nos noventa números da RBCS, ao longo de trinta anos de publicação, de 1986 a 2016, não encontramos nenhum texto voltado para o tema.

Em contrapartida, a grande maioria dos textos, que trata do suicídio e se encontra no *Scielo*, é da área médica: são de revistas de psicologia, psiquiatria, psicopatologia, medicina, enfermagem, saúde pública, epidemiologia, etc. Paradoxalmente, é muito difícil não encontrarmos o livro de Durkheim, **O Suicídio**, indicado em suas bibliografias. Não só. Muitas conclusões do sociólogo francês são confirmadas pelas diversas pesquisas que originam os textos publicados, como por exemplo: o suicídio ocorrer mais nos homens que nas mulheres, mais nos celibatários e divorciados que nos casados, etc. Contudo, do ponto de vista sociológico, as análises são rápidas e pouco aprofundadas: muito difícil encontrarmos uma explicação mais acurada da razão das pessoas solteiras tirarem mais facilmente suas próprias vidas.

No caso específico dos historiadores, como antecipamos anteriormente, em geral seus estudos sobre o suicídio giram em torno do escravo<sup>15</sup>; muitos *papers* e livros, que encontramos num primeiro levantamento bibliográfico, expressam isso. Outro detalhe importante a ser destacado é que esses trabalhos atem-se principalmente ao século XIX, em particular nas quatro últimas décadas da escravidão no Brasil.

Apesar de já registrado em outros estudos, como **Casa Grande & Senzala**, de Gilberto Freyre, em 1933, **Costumes Africanos no Brasil**, de Manuel Querino, de 1938, dentre outros, o suicídio entre os escravos foi objeto

---

<sup>14</sup> Apesar de Maria Cecília de Souza Minayo ter graduação em Ciências Sociais e mestrado em Antropologia, seu doutorado é em Saúde Pública, bem como quase todas suas pesquisas. Já Marta M. Assumpção Rodrigues tem graduação em Sociologia, Doutorado em Ciências Política e pesquisa na área de Gestão de Políticas Públicas.

<sup>15</sup> Aqui, é importante ressaltar que, apesar de todos os trabalhos constarem em suas respectivas bibliografias **O Suicídio**, os estudos históricos sobre o suicídio dos escravos por nós pesquisados não fazem menção ao conceito de *suicídio fatalista*.

de atenção e estudado pelo historiador José Alípio Goulart em seu livro **Da Fuga ao Suicídio (Aspectos de Rebeldia do Escravo no Brasil)**, de 1972. Segundo ele,

O suicídio foi o mais trágico recurso de que se valeu o negro escravo, para fugir aos rigores do regime que o oprimia – excesso de trabalho, maus tratos, humilhações, e, em muitos casos, para eliminar juntamente com a própria vida, o **banzo**, isto é, aquela irreprimível saudade da pátria distante, para sempre fisicamente perdida, à qual só tornaria a voltar graças ao processo de ressurreição, como acreditava. (Grifo do autor) (GOULART, 1972, p. 123).

Além de buscar eliminar o sofrimento e como forma de retornar à terra natal, de acordo ainda com Goulart, os escravos recorriam ao suicídio como uma forma de vingança; de rebeldia mesmo. Para chegar a esta conclusão, o autor faz um amplo apanhado de casos por quase todas as províncias do Brasil Colônia e Império, onde registra outras causas e os métodos mais utilizados que os trabalhadores cativos utilizavam para tirar suas vidas; estes diversos casos citados, no entanto, são muito factuais e pouco sistematizados.

Algo diferente, verificamos nos estudos mais recentes. Um bom exemplo é o extenso texto do historiador Jackson Ferreira, *“Por hoje se acaba a vida”: suicídio escravo na Bahia (1850 – 1888)*, onde, a partir de uma controvérsia entre dois médicos baianos, que imputavam motivações distintas para aqueles atos dos escravos<sup>16</sup>, tenta explicar as causas de tal fenômeno (FERREIRA, 2004). Baseado em muitas fontes e dados, o autor, a partir da identificação de uma série de métodos (enforcamento, envenenamento, afogamento, precipitação, arma branca e arma de fogo) e causas (alienação, captura, castigo, crime, venda, amoroso, saúde e particular), tem como objetivo principal “discutir o suicídio como mecanismo de resistência e negociação utilizado por muitos escravos para obter sua liberdade ou alguma autonomia” (Ibidem, p. 198).

---

<sup>16</sup> “Em dezembro de 1845 e janeiro de 1846 os leitores do jornal O Crepúsculo tiveram a oportunidade de ler dois artigos que discutiam as prováveis causas do suicídio. O primeiro, de autoria do médico e diretor do periódico, Tiburtino Moreira Prates, foi escrito para contrapor-se à opinião do doutor Aranha Dantas, professor de patologia externa da Faculdade de Medicina da Bahia. Para este, na maioria das vezes, o suicídio era fruto da irreligiosidade crescente da população. Já Prates acreditava na tese de que o suicídio era causado quase que exclusivamente por fatores patológicos, mais especificamente pela alienação mental”. FERREIRA, J. *“Por hoje se acaba a vida”: suicídio escravo na Bahia (1850 – 1888)* in **Revista Afro-Ásia**, nº 31, Salvador: UFBA, 2004, p. 197.

Na mesma linha dos trabalhos na área de história, podemos citar o trabalho de Bruno Pinheiro Rodriguês, que estudou o suicídio dos escravos ocorridos em Cuiabá na segunda metade do século XIX. Para tentar determinar as causas do fenômeno, o autor passa em revista vários estudos, de diversas áreas, que enfatizaram desde o desgosto provocado pelo cativo, passando pelos maus tratos e um modo de negociação, até os que o abordaram como um ato de resistência.

Por fim, embora adote uma abordagem histórica, cabe aqui mencionar um trabalho muito meticuloso desenvolvido por pesquisadores da área médica. Trata-se de um estudo sobre o suicídio de escravos em São Paulo, ocorridos nas duas últimas décadas do regime escravista, a partir do jornal Gazeta de Campinas. Como o anterior, os autores deste estudo fazem uma revisão bibliográfica dos vários estudos sobre o tema para, a partir daí, sistematizarem os dados sobre suicídios, principalmente entre os cativos, noticiados por aquele periódico. Como no estudo da Bahia acima mencionado, os autores apresentam tabelas, onde estabelecem paralelos dos suicídios entre escravos e pessoas livres, entre homens e mulheres, entre Campinas e outras regiões de São Paulo, bem como elencam os métodos mais recorrentes utilizados para alcançarem o intento. Estes procedimentos permitem os autores recusarem o clichê simplista que identifica o suicídio como causado pelo desgosto do escravo. Segundo eles, as causas são muitas: castigos excessivos, medo de castigos, recusa à mudança de onde viviam e de serem vendidos, por cometimento de homicídio, desilusão amorosa, etc. (OLIVEIRA, ODA, 2008, pp. 383-384). O que os leva a concluir:

A história social da escravidão sublinha o caráter humano de escravos e senhores, sua ação como sujeitos históricos, sem evidentemente desconsiderar a desigualdade de posições sociais e a violência inerente à escravidão. Nesse sentido, o suicídio cativo pode ser visto também, mas jamais unicamente, como forma de protesto ou fuga da situação de cativo, sempre considerando a complexidade da experiência da escravidão e a capacidade humana de descobrir formas de viver em condições adversas. (ibidem, p. 386).

Esta escassez de estudos sociológicos sobre o suicídio entre nós, talvez explique o motivo de uma coleção como a Primeiros Passos, da editora

Brasiliense, que exerceu certa influência sobre as Ciências Sociais nas décadas de 1970 e 1980, tenha procurado um médico, pós-graduando em saúde pública, e não um sociólogo ou antropólogo, para escrever o pequeno livro introdutório **O Que é Suicídio**. Do ponto de vista sociológico, embora nas suas indicações bibliográficas aconselhe a leitura de **O Suicídio**, o livro é uma lástima. Não há qualquer rigor. É um simples ensaio baseado em muita intuição, informações esparsas e não sistematizadas, e concepções aleatórias retiradas da psicologia e da psicanálise. Muitas vezes o autor diz que as pessoas são “suicidas” (*sic*), noutras faz afirmações sobre vários aspectos das posições dos indivíduos em relação à morte sem bases ou referências em estudos ou pesquisas.

Não por acaso, muito pelo que foi exposto acima, os últimos livros que encontramos e que abordam o suicídio a partir de uma perspectiva social não são resultados de pesquisas ou estudos propriamente sociológicos. O primeiro que podemos citar intitula-se **Morreu na Contramão – O Suicídio Como Notícia**, de 2007, que é uma dissertação de mestrado em Comunicação, cujo autor é Arthur Dapieve. Este tomou como fundamento de seu trabalho **O Suicídio**, particularmente os conceitos de suicídio egoísta, suicídio altruísta e suicídio anômico, que ali são formulados. A partir destes, ele faz um minucioso estudo de como o suicídio é tratado nas redações dos jornais; em geral, segundo o autor, os jornalistas filtram com eufemismos as notícias desse tipo de morte. O segundo livro, que data de 2010, intitula-se **O Suicídio na Cidade de São Paulo – Uma Análise Sob a Perspectiva da Geografia da Saúde**, cujos autores são Daniel Hideki Bando e Ligia Vizeu Barrozzo. A partir das variáveis cultura, migração, religião, renda, instrução, estado civil, algumas formuladas por Durkheim, eles buscam verificar a incidência do fenômeno pelos 96 distritos que compõem aquele espaço urbano. O terceiro livro, publicado em 2011, tem por título **O Suicídio Como Espetáculo na MetrÓpole** e por autora Fernanda Cristina Marquetti. Fruto de uma tese de doutorado em Saúde Pública, o suicídio, para além de um ato mórbido da pessoa, de seu caráter individual, tem um componente estético-social: tal como um ato teatral, por meio do modo e onde põe fim a sua vida, o suicida age não somente para si, mas tenta transmitir sua para a sociedade. Por último, o livro **Loucos e Pecadores: Suicídio na Bahia no Século XIX**, de 2015, de Jackson Ferreira.

Originalmente, trata-se de uma dissertação de mestrado em História, que busca mostrar como, a partir da tradição judaico-cristã e das tradições religiosas africanas, a sociedade do Recôncavo Baiano reagia naquele período ao evento do suicídio.

A partir desse balanço apresentado, podemos afirmar que o suicídio é um objeto estranho à sociologia brasileira. Esta parece vê-lo como algo menor, que não cabe a ela pesquisar e elucidá-lo cientificamente. Melhor: que nada tem a contribuir para além das outras ciências, principalmente as da área médica, que, por estudarem de maneira sistemática este fenômeno tão presente atualmente em nossa sociedade, pautam os métodos que tratam do referido objeto e, como consequência, estabelecem suas interpretações como parâmetros explicativos legítimos. Ou seja, frente ao suicídio, nossa sociologia parece não ter nada o que dizer.

#### 4. Considerações finais

Como explicar tamanho desdém de nossa sociologia para com um fenômeno tão impactante e presente cada vez mais na vida da sociedade brasileira? Por não serem conclusivas, propomos aqui responder este questionamento e, de certa forma, jogar alguma luz sobre essa situação formulando algumas hipóteses que, apesar de distintas, não se excluem e podem ser consideradas interconexas.

O caso dispensado ao suicídio parece confirmar a conclusão de um outro trabalho por nós apresentado em outro Congresso da Sociedade Brasileira de Sociologia e publicado posteriormente<sup>17</sup>: professores como Claude Lévi-Strauss, Roger Bastide, mais tardiamente George Gurvitch, que compuseram a Missão Francesa que fundou as cátedras de sociologia da USP, eram todos anti-durkheimianos. Assim, a pauta de pesquisas de Durkheim e da equipe do **L'Année Sociologique**, onde estava incluso o suicídio como objeto de estudo, parece que não influenciou nossas primeiras gerações de sociólogos e, como consequência, nem as mais recentes também.

Uma segunda hipótese, próxima da anterior, leva-nos a crer que o tema do suicídio não exerceu qual atração sobre nossos sociólogos, apesar de

---

<sup>17</sup> QUEIROZ, José B. *A sociologia de Durkheim no Brasil* in REIS, Eliana T. GRILL, Igor G. (Orgs.) **Estudos Sobre Elites Políticas e Culturais**, São Luís: EDUFMA, 2014, pp. 417-421.

Renato Ortiz<sup>18</sup> ter mostra de forma contundente o quanto **O Suicídio** foi importante para afirmação da sociologia como ciência. Dois parecem ser o motivo desta falta de interesse. Por um lado, até bem pouco tempo atrás, por volta da década de 1970, o número e as taxas de suicídios entre nós não eram muito expressivos. Por outro, sob a influência de Talcott Parsons<sup>19</sup>, **O Suicídio** foi identificado com uma obra positivista, pertencente à primeira fase da trajetória intelectual de Durkheim. Esta avaliação, no contexto da forte presença do marxismo em nossa sociologia, principalmente no período das décadas de 1960 até 1980, parece ter fermentado a repulsa por aquela obra e também pelo seu objeto.

Outra hipótese, que de certo modo inclui as anteriores, seria de que as primeiras gerações de sociólogos brasileiros, gestadas no interior de nosso mundo acadêmico, voltaram suas preocupações e estabeleceram como pontos de pautas de pesquisa temas relacionados à formação, desenvolvimento e consolidação da modernidade do país. Esta hipótese é reforçada quando passamos em revista as extensas obras de Florestan Fernandes, Fernando Henrique Cardoso, Otávio Ianni, etc., e verificamos que os objetos estudados por Durkheim e sua equipe estão ausentes ali.

Esta hipótese parece ser confirmada quando, além do suicídio, verificamos que os seguintes objetos, tão caros à Durkheim, foram deixados por muito tempo de lado por nossa sociologia: a educação e a religião. No que se refere à educação, conquanto a obra de Durkheim **Educação e Sociedade**, tenha sido traduzida e publicada por Lourenço Filho em 1939 (DIAS, 1990), é somente nos primórdios da década de 1960 que vai se iniciar a pesquisa sociológica nesta área<sup>20</sup>. Contra tal análise, poder-se-ia objetar que Florestan Fernandes produziu inúmeros estudos sobre tema. Contudo, quando consultamos o volumoso livro **Educação e Sociedade no Brasil**, de 1966, ou

---

<sup>18</sup> ORTIZ, R. *Durkheim: arquiteto e herói fundador* in **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, nº 11, vol. 4, 1989.

<sup>19</sup> Segundo Parsons, a partir de 1898, quando publica *Representações individuais e representações coletivas*, inicia-se o afastamento de Durkheim em relação ao positivismo; este afastamento se conclui quando da publicação de **As Formas Elementares da Vida Religiosa**. PARSONS, T. **A Estrutura da Ação Social**, Vol. I, Petrópolis: Vozes, 2010, p. 485.

<sup>20</sup> Para José de Sousa Martins, a sociologia começa a pesquisar efetivamente a educação a partir de 1963, quando o CESIT, sob a coordenação de Fernando Henrique Cardoso, incumbiu Luiz Pereira de desenvolver uma pesquisa numa escola profissionalizante. MARTINS, José de S. *Luiz Pereira e sua circunstância* in **Tempo Social**, vol. 22, nº 1, 2010.



**A Questão da USP**, de 1984, verificamos que são textos de balanços e análises conjunturais sobre a educação brasileira. Apesar de importantes, eles não são produtos de pesquisas sociológicas sistemáticas dos processos pedagógicos. Já no caso da religião, apesar das contribuições de Roger Bastide, principalmente voltadas para o estudo das religiões de matriz africana, esta também só passa a ser estudada por nossa sociologia a partir da década de 1960. Segundo Pierucci, foi somente em 1961, com a publicação de **Kardecismo e Umbanda**, de Cândido Procópio Ferreira de Camargo, que de fato teve início nossa sociologia da religião (PIERUCCI, 1999).

Avaliamos que o desenvolvimento de nossa pesquisa, que no momento se desdobra numa pesquisa sociológica sobre o fenômeno do suicídio nas cidades de São Luís e Fortaleza, poderá num futuro próximo verificar mais a fundo essas hipóteses acima formuladas. Naturalmente, como resultado de toda pesquisa, elas podem vir a ser confirmadas ou negadas, parcial ou totalmente, bem como substituídas por explicações mais convincentes.

## 5. Bibliografia

BASTIDE, R. *Le suicide du nègre brésilien* in **Cahiers Internationaux de Sociologie**, vol. 12, Paris: PUF, 1952, pp. 79-90.

\_\_\_\_\_. **O Candomblé da Bahia**, 2ª edição, São Paulo: Editora Nacional, 1978.

BASTIDE, R. FERNANDES, F. **Branco e Negro em São Paulo**, 4ª edição, São Paulo: Global, 2008.

DIAS, F. C. *Durkheim e a sociologia da educação no Brasil* in **Em Aberto**, ano 9, nº 46, Brasília, 1990.

BANDO, Daniel H. BARROZO, Lígia V. **O Suicídio na Cidade de São Paulo**, São Paulo: Humanitas, 2010.

BAUDELOT, C. ESTABLET, R. **Durkheim et le Suicide**, 5<sup>e</sup> édition, PUF: Paris, 1999.

\_\_\_\_\_. **Suicide (L'envers de notre monde)**, SEUIL: Paris, 2006.

BESNARD, P. *Mariage et suicide : la théorie durkheimienne de la régulation conjugale à l'épreuve d'un siècle* in **Revue Française de Sociologie**, vol. XXXVIII, nº 4, 1997.

- BORLANDI, M. CHERKAOUI, M. (Dir.) **Le Suicide (um siècle après Durkheim)**, PUF: Paris, 2000.
- CASSORLA, Roosevelt M. S. **O Que é Suicídio?**, São Paulo: Brasiliense, 1985.
- CHAUVEL, L. *L'uniformisation du taux de suicide masculin selon l'âge: effet de génération ou recomposition du cycle de vie ?* in **Revue Française de Sociologie**, vol. XXXVIII, nº 4, 1997.
- CHESNAIS, J-CI. **Les Morts Violentes em France Depuis 1826 (Comparations Internationales)**, Paris: PUF, 1976.
- CHOR, Marcos C. *O projeto UNESCO e a agenda das Ciências Sociais no Brasil dos anos 40 e 50* in **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 14, nº 41, 1999.
- COUSTEAUX, A-S. PAN KÉ SHON, J-L. *Le mal-être a-t-il un genre? Suicide risqué suicidaire, dépression et dépendance alcoolique* in **Revue Française de Sociologie**, vol. 49, nº 1, 2008.
- CUIN, C-H. **Durkheim: Modernité D'um Classique**, Paris: Hermann, 2011.
- CUIN, C-H. CRESLER, F. **História da Sociologia**, São Paulo: Ensaio, 1994.
- DAPIVIE, A. **Morreu na Contramão**, Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- DUCHAC, R. *Suicide au Japon, suicide à la japonaise* in **Revue Française de Sociologie**, vol. V, n. 4, 1964.
- DURKHEIM, E. **Le Suicide**, 11<sup>e</sup> édition, PUF/Quadrige: Paris, 2002.
- ESTABLET, R. *A atualidade de O Suicídio* in MASSELA. Alexandre B. PINHEIRO FILHO, F. OLIVA AUGUSTO, Maria H. WEISS, R. (orgs.) **Durkheim: 150 Anos**, Belo Horizonte: Argumentvm, 2009.
- FERNANDES, F. **A Questão da USP**, São Paulo: Brasiliense, 1984.
- \_\_\_\_\_. **Educação e Sociedade no Brasil**, São Paulo: Dominus/Edusp, 1966.
- FERREIRA, J. **Loucos e Pecadores: Suicídio na Bahia no Século XIX**, Salvador: Kalango, 2015.
- \_\_\_\_\_. *“Por hoje se acaba a lida”: suicídio escravo na Bahia (1850 – 1888)* in **Revista Afro-Ásia**, nº 31, Salvador: UFBA, 2004.
- FERREIRA JR. A. *O comportamento suicida no Brasil e no mundo* in **Revista Brasileira de Psicologia**, 02 (01), Salvador, 2015.
- GOULART, José A. **Da Fuga ao Suicídio (Aspectos de Rebeldia do Escravo no Brasil)**, Rio de Janeiro: Conquista, 1972.

- HALBWACHS, M. **Les Causes du Suicide**, PUF: Paris, 2002.
- IBÁÑEZ, José Enrique R. *Laudatio de El Suicidio, de Durkheim* in **Papers: Revista de Sociologia**, n. 57, 1999.
- LAVOSI, Giovanni M. SANTOS, Simone A. LEGAY, L. ABELHA, L. VALENCIA, E. *Análise epidemiológica do suicídio no Brasil entre 1980 e 2006* in **Revista Brasileira de Psiquiatria**, nº 31 (suplemento II), 2009.
- LUKES, S. **Émile Durkheim: Su Vida y Su Obra**, 4ª edición, Madrid: Siglo XXI, 1984.
- MARQUETTI, Fernanda C. **O Suicídio Como Espetáculo na Metrópole**, São Paulo: FAP-UNIFESP, 2011.
- MARTINS, José de S. *Luiz Pereira e sua circunstância* in **Tempo Social**, vol. 22, nº 1, 2010.
- MARX, K. **Sobre o Suicídio**, São Paulo: Boitempo, 2008.
- MAUSS, M. *Avant-propos* in HALBWACHS, M. **Les Causes du Suicide**, op. cit.
- MINAYO, Maria C. S. *A autoviolência, objeto da sociologia e problema de saúde pública* in **Cadernos de Saúde Pública**, 14 (2), Rio de Janeiro, 1998.
- OLIVEIRA, Saulo V. ODA, Ana Maria G. R. *O suicídio de escravos em São Paulo nas últimas duas décadas da escravidão* in **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, vol. 15, nº 2, Rio de Janeiro, 2008.
- ORTIZ, R. *Durkheim: arquiteto e herói fundador* in **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, nº 11, vol. 4, 1989.
- PIERUCCI, Antônio F. *Sociologia da religião: área impuramente acadêmica* in MICELI, S. **O Que Ler na Ciência Social Brasileira**, São Paulo: Sumaré/ANPOCS, 1999.
- PONTES, Cleto B. **O Suicídio em Fortaleza**, Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1986.
- PAUGAM, S. (Coord.) **A Pesquisa Sociológica**, Petrópolis: Vozes, 2015.
- PARSONS, T. **A Estrutura da Ação Social**, Vol. I, Petrópolis: Vozes, 2010.
- QUEIROZ, José B. *A sociologia de Durkheim no Brasil* in REIS, Eliana T. GRILL, Igor G. **Estudos Sobre Elites Políticas e Culturais**, São Luís: EDUFMA, 2014.
- RAMOGNINO, N. *Contrainte, controle social, socialisation: “Le Suicide” D’Emile Durkheim* in **Sociologie du Sud-Est**, nº 30, oct.-dec., 1981.

RODRIGUES, Marta M. A. *Suicídio e sociedade: um estudo comparativo de Durkheim e Marx* in **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, vol. 12, nº 4, São Paulo, 2009.

RODRIGUÊS, Bruno P. *O suicídio de escravos em Cuiabá na segunda metade do século XIX* in **Anais do XXV Simpósio Nacional de História**, Fortaleza, 2009 (<http://www.snh2009.anpuh.org/>).

ROBERTT, P. *El suicidio en Uruguay*, **Nueva Época**, Año 4, nº 6, 1999.

SOREL, G. **Materiaux D'une Théorie du Prolétariat**, Paris-Genève: Slatkine, s/d.

STEINER, P. **La Sociologie de Durkheim**, 4<sup>e</sup>édition, Paris: La Découvert, 2005.